

A capoeira na escola

Hellio Campos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

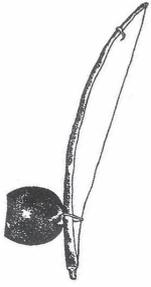
CAMPOS, H. A capoeira na escola. In: *Capoeira regional: a escola de Mestre Bimba* [online]. Salvador: EDUFBA, pp. 86-94. ISBN 978-85-232-1727-3. Available from: doi: [10.7476/9788523217273.0010](https://doi.org/10.7476/9788523217273.0010). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/p65hq/epub/campos-9788523217273.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



A capoeira na escola



Ao longo da sua história, a capoeira vem resistindo a muitos percalços, provenientes em sua maioria do preconceito relacionado à sua origem. Todavia, parecendo um paradoxo, ela vem conquistando valorosos espaços na sociedade brasileira e, possivelmente, o mais importante deles tenha sido a conquista das instituições de ensino, em particular, a escola.

Para Falcão, a inclusão da capoeira nas instituições de ensino representa uma situação inusitada (1995, p. 10). O que causa sua admiração é que a prática da capoeiragem era, há algumas décadas, uma ação marginal, passiva de penalidades previstas no Código Penal Brasileiro.

Essa conquista deve-se principalmente à aproximação da capoeira com a educação física. A partir daí, a educação física reconhece os valores sócio-educativos e esportivos da capoeira, apropriando-se do seu conteúdo e inserindo-a como disciplina ou mesmo em projetos integrantes do currículo das escolas de ensino fundamental e médio, tanto em instituições públicas como privadas.

Para Santos, “a capoeira vem sendo progressivamente valorizada e ocupando lentamente o seu espaço em vários segmentos sociais, pelas suas características próprias e bem definidas de harmonia de movimento e embelezamento de uma roda de capoeira...” (1990, p. 13). Tudo nos leva a crer que outros predicados estreitam e entrelaçam a capoeira ao ambiente escolar, justamente por ser ela uma atividade genuinamente brasileira, bem ajustada aos alunos, por ser oriunda de uma manifestação popular, rica de movimentos e música, com substrato cultural e bastante difundida na sociedade brasileira.

Mais uma vez, Santos salienta as características da capoeira, afirmando que:

A capoeira pode ainda ser caracterizada como uma soma de ritual, onde através de instrumentos musicais, cantos, palmas e da padronização de uniformes brancos os indivíduos mantêm uma movimentação constante, sincronizando um combate à distância em forma de jogo, dança, ou luta, com movimentos de todas as partes do corpo em posição em pé ou invertida, criando ataques, contra-ataques e acrobacias¹.

Segundo Costa, “a capoeira é um caminho lúcido para a sobrevivência de nossa cultura, oferecendo um braço forte para resistir à nossa alienação de nós mesmos. A capoeira é o braço da história com a cultura popular, para resgatar nossa condição de povo” (1993, p. 140). Para Reis, “a capoeira talvez seja um dos caminhos para a efetiva democratização da escola” (2001, p. 23).

Uma abordagem mais ampla e relacionando a capoeira com a educação, inspirada em Santos (apud HURTADO, 1990, p. 27), nos leva a entender que o processo educativo é gradual. Ele se inicia com o nascimento do indivíduo, evolui durante a sua existência, estimulando e desenvolvendo suas capacidades físicas, mentais e sociais, especialmente pelas mudanças ocasionadas, de maneiras mais ou menos intensas, de acordo com as diferentes fases de seu desenvolvimento bio-psico-fisiológico. Isso nos possibilita entender o papel da capoeira, quando integrada ao processo educativo, como uma forma peculiar de construção do indivíduo.

A capoeira na escola tem se configurado como um instrumento diferenciado, no sentido de promover a educação dos jovens escolares, de acordo com o grau de motivação que esses estudantes apresentam, decorrente possivelmente do estímulo instigante de que os mesmos possam ver, fazer e contextualizar sua prática, tornando-se sujeitos na construção de sua história. Outro aspecto realmente significativo é a possibilidade da total liberdade de participação e expressão.

Maria Angélica Rocha, na sua dissertação de mestrado em Educação (Supervisão e Currículo), apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — **“A capoeira como ação educativa nas aulas de educação física”** (1994) —, assim se refere:

Atualmente, percebe-se que a preocupação maior dos educadores é a de ensinar o que é importante para a classe dominante que dita as regras, e não para criança atendendo à sua realidade e necessidade. Por revelar fatos históricos que marcaram época, a capoeira como Educação Física pode ser considerada como uma atividade transformadora. Através da musicalidade, dos movimentos, dos cantos, do diálogo em aula, a capoeira como Educação Física pode transmitir aspectos marcantes da sociedade brasileira, como as preferências dos negros, seus romances, trabalhos, crenças, amigos e inimigos, costumes, sofrimentos, características estas notáveis em suas cantigas.²

A capoeira, nos programas de educação física, foi introduzida praticamente de três formas: na primeira, sendo incluída nos métodos de ginástica tradicional; na segunda, como conteúdo diferenciado da ginástica escolar; e, na terceira, como disciplina esportiva de caráter optativo.

Barbieri reforça o assunto, afirmando que, “[...] em algumas escolas de ensino de primeiro e segundo graus³, ela é praticada ou como meio da educação física ou como esporte [...]” (1993, p. 33), e citando principalmente as escolas de Salvador, a experiência da Fundação Educacional do Distrito Federal e um trabalho diferenciado do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia. Hoje, encontramos essa prática disseminada em praticamente todas as capitais brasileiras e num sem-número de escolas espalhadas por todo o território nacional.

Nas nossas observações empíricas sobre este assunto, em especial dentro da realidade de Salvador, a capoeira inicia sua caminhada escolar pela necessidade premente de contribuir com as aulas de educação física e para superar as dificuldades de material, de espaço físico e programa.

Na nossa experiência, no período de 1970 a 1976, como professor de educação física da rede pública, no Colégio Estadual Manoel Devoto, situado no bairro do Rio Vermelho, em Salvador, tentamos dar conta das aulas de Educação Física em uma instituição que não

dispunha de ginásio, quadra de esportes, material especializado, ou seja, não contava com áreas apropriadas ao desenvolvimento de uma prática, no mínimo razoável e motivadora, para os alunos.

Tais aulas eram ministradas no campo de futebol em frente ao quartel do exército de Amaralina, no morro de Anita Costa e no campinho de futebol do IPASE. A coisa se complicava quando chovia e tínhamos que utilizar as instalações do colégio, como salas de aulas, corredores e a área da cantina.

Da nossa parte, professor de educação física tido como “leigo”⁴ — todavia formado em Capoeira Regional na Escola de Mestre Bimba — passei a incluir a capoeira nas aulas e usávamos como referência o conteúdo aprendido no Centro de Cultura Física Regional (CCFR); seguíamos a sua metodologia, sendo a estratégia principal de ensino-aprendizagem a sequência de ensino adaptada ao nível escolar, dividindo-a em partes para melhor assimilação e compreensão dos alunos; procurávamos aproveitar todos os espaços por menores que fossem. Podemos, então, afirmar ter sido uma experiência muito bem-sucedida, positiva e gratificante.

Devido às dificuldades de material, as nossas aulas, na sua maioria, eram realizadas sem a presença do berimbau ou pandeiro, contudo lançávamos mão da criatividade e espontaneidade. As aulas tinham uma motivação própria, com a participação dos alunos cantarolando músicas acompanhadas das palmas, destacando o aspecto rítmico do jogo.

Ainda baseado em observações, podemos afirmar que existe um problema que merece atenção especial. As escolas de um modo geral estão incluindo a capoeira, principalmente como atividade extra classe e, devido à enorme demanda, contratam professores sem uma qualificação apropriada para o mister.

Para Rocha, “a pior das dificuldades, no meu caso, é a falta de professores que ensinam capoeira para crianças em escolas, para que se possam ter intercâmbios, troca de experiências e mais motivação para os alunos” (1994, p. 66). Ressalta que os professores são em sua maioria pertencentes a academias e grupos de capoeira, que se reúnem em escolas, porém sem um vínculo educativo com elas.

Surge, então, uma polêmica, que causa certo desconforto, entre professores de educação física e mestres de capoeira. Eis a questão: quem deve ministrar aulas de capoeira na escola? Professores de educação física ou mestres de capoeira? Os professores respondem dizendo-se credenciados para o cargo pela sua formação em educação física. Os mestres retrucam afirmando que são eles que detêm o conhecimento da capoeira que lhes foi passado pelos velhos mestres, de geração a geração.

Não cabe aqui tomar nenhum partido, apenas esclarecer o nosso posicionamento sobre o assunto. Entendo que existe espaço para os dois profissionais trabalharem com a escolarização da capoeira, bastando discernir e estabelecer competências e atentar para os trâmites legais burocráticos. Por outro lado, tendo a concordar com Maria Angélica Rocha quanto observa a dificuldade de um maior intercâmbio entre os profissionais que se dedicam

a esse labor, com a finalidade de trocar experiências, discutir a temática em profundidade e criar um aporte científico.

O que nos chama a atenção é o fato da capoeira ser uma novidade no processo de ensino/aprendizagem da Educação Física, justamente por se diferenciar de outras práticas corporais alienígenas sistematizadas. Ela se identifica pelos valores afro-brasileiros que representam toda a historicidade e origem do próprio povo brasileiro.

Para Santos, “a capoeira como educação física faz parte da nossa história; contribui na formação de valores das crianças, jovens e adultos; favorece o espírito crítico reflexivo da nossa realidade” (1990, p. 29). E acrescenta que a capoeira tem uma história importantíssima que deve ser transmitida aos alunos através dos movimentos, musicalidade e em diálogos democráticos.

Aprender capoeira é, acima de tudo, interagir com a identidade cultural de um povo, é vivenciar a expressão corporal, é ter a possibilidade de adquirir o espírito crítico reflexivo da sociedade em que se está inserido. É a certeza da contribuição para um elo harmônico corpo/mente, valorizando o talento, as potencialidades humanas e reconhecendo seus limites e oportunidades.

Num contexto bem amplo, identificamos ser a capoeira uma excelente forma de educação, principalmente através do instrumento da educação física e podemos destacar pontos positivos que reforçam essa prática.

Mestre Bimba, reportando-se à eficiência da capoeira, costumava afirmar para seus alunos que a capoeira, por si só, era uma excelente forma de ginástica. Isso era consubstanciado na sua prática cotidiana, pois suas aulas tinham como base apenas os movimentos capoeirísticos e o próprio jogo de capoeira em versões diferenciadas.

A capoeira desenvolve as qualidades físicas de base, atuando com eficácia na melhora da condição física geral, desenvolvendo sobremaneira os sistemas aeróbico, anaeróbico e muscular. Tem uma influência marcante no aspecto cognitivo, afetivo e motor. Estimula a coragem, a autoconfiança, a auto-estima, a cooperação, a formação do caráter e da personalidade.

Sobrinho *et al* referem-se à prática da capoeira, assegurando que ela “adquire dimensões bem mais amplas do que uma simples atividade corporal relacionada a uma determinada etnia, e passa a ter um significado de prática social, ampliando o eixo da discussão sobre as questões raciais e étnicas, para as questões de classe social dentro do sistema capitalista” (1999, p. 179).

Creemos que a educação é mediada pelo mundo em que se vive, formatada pela cultura, influenciada por diversas linguagens, impactada por crenças, clarificada pela necessidade, afetada por valores e moderada pela individualidade. Trata-se, portanto, de uma experiência vivenciada na realidade empírica, com a interação entre a cultura e a sociedade personalizada, pelo processo de criar significados, pelas leituras e visões pessoais do mundo em que se vive.

POLISSEMIA PEDAGÓGICA

Percebemos ser a capoeira um instrumento bem completo para a educação integral dos jovens estudantes do ensino fundamental e médio, devido à sua riqueza pelas várias formas pedagógicas evidenciadas, suscitando uma motivação especial para professores e educandos.

Barbieri, referindo-se à capoeira como uma atividade polissêmica, enfatiza não ser possível definir rigorosamente os limites do fenômeno capoeira em suas possibilidades e perspectivas. Traça uma trajetória da capoeira como esporte popular até ser institucionalizada e depois acentua outras formas como a capoeira é vista pelos mestres: como dança, luta, esporte, defesa pessoal, briga de rua, arte marcial e até mesmo atividade criminosa (2003, p. 179).

Já, Almir das Areias, se pronuncia procurando fugir da dimensão reducionista do esporte, afirmando que a “capoeira é tudo isso e muito mais!”. Capoeira é música, poesia, festa, brincadeira, diversão, manifestação, expressão do povo e do oprimido e acima de tudo é luta, é busca da sobrevivência, liberdade e dignidade (1983, p. 8).

Não obstante, para compreendê-la e aceitá-la em sua riqueza e diversidade, como uma criação que não é estanque, pelo contrário, é dinâmica, está em constante movimento, podemos dizer que está na atualidade em franca ebulição, torna-se necessário que conheçamos a sua origem, a sua história, seus mestres e sua trajetória de evolução.

Na capoeira luta é representada sua origem e sobrevivência através dos tempos, na sua forma natural, como instrumento de defesa pessoal genuinamente brasileiro. Deverá ser ministrada com um enfoque de ataque e defesa, tendo o cuidado de apresentar aos alunos uma temática realística, evidenciando a capoeira como uma forma de luta e de resistência de um povo escravizado, que se perpetua na história até os nossos dias. A capoeira é um jogo e, como tal, tem um significado de combate, de antagonismo, de confronto e também de cooperação. Este contexto não deverá ficar restrito unicamente à questão do combate, mas poderá ser explorado num aspecto bem amplo, dentro de uma visão global e educacional.

Mestre Zulu defende a capoeira no binômio arte-luta e assim se coloca:

O binômio arte-luta representa as nossas opções e concepções de uso do próprio corpo para exprimir o belo, excitar a nossa sensibilidade e sublimar os antagonismos através da capoeira este é o grande salto de qualidade que estamos experimentando. A capoeira arte-luta propicia o estado de ser pelo vivencial-operativo e pelo vivencial-operativo busca-se o entendimento do próprio sentido da vida e da transcendência humana (1995, p. 29).

Na Capoeira dança e arte, a arte se faz presente através das manifestações da música, ritmo, canto, instrumentos, dança, expressão corporal, criatividade de movimentos, assim como por representar um riquíssimo tema para as artes plásticas, literárias e cênicas. As aulas poderão interagir com outras disciplinas escolares, criando assim um vínculo de interdisciplinaridade, aproximando sobremaneira a atividade de jogar capoeira da cultura. Ressalta-se, ainda, a maneira lúdica de estimular o conhecimento e a descoberta de valores, talento e satisfação pessoal.

A capoeira como folclore é uma manifestação popular que preserva as tradições culturais de um povo, retratando, nas sociedades civilizadas, a história da escravidão do negro, seu modo de vida, seus cantos, suas lendas, suas crenças, seus rituais, suas músicas e expressões corporais, tradição esta garantida pelos mestres de capoeira.

Barbieri assim aborda o assunto:

A Capoeira, fenômeno social secular, em sua essência, em seu sentido de meio do Homem se fazer no mundo, representa um legado que é recebido dos antepassados e que, de geração a geração, vai sendo transmitido, transferido, por intermédio do Capoeira-Mestre genuíno (1993, p. 105).

Cabe ao mestre de capoeira a responsabilidade de transmitir os conhecimentos adquiridos, conhecimentos estes, na sua imensa maioria, absorvidos pelo processo da oralidade. No entanto, os verdadeiros mestres, comprometidos em repassar o legado recebido, criam estratégias próprias e, com um dinamismo fora do comum, vencem obstáculos, preconceitos e mantêm as tradições, transmitindo para os alunos um jeito de ser brasileiro e de viver a realidade a partir dos substratos que a história popular oferece.

A capoeira como esporte foi institucionalizada em 1972, pelo Conselho Nacional de Desportos, tendo um enfoque especial para competição, estabelecendo-se treinamentos físicos, técnicos e táticos. No entanto, não se pode perder a referência educativa da capoeira e essa ação pedagógica deverá estar centrada nos princípios científicos do treinamento desportivo (princípios da individualidade biológica, adaptação, sobrecarga, interdependência de volume e intensidade, continuidade e especificidade) e nos princípios sócio-educativos (princípios da participação, co-educação, cooperação, co-responsabilidade e integração).

A capoeira como lazer revela aspectos bastante positivos. Segundo Marcellino, para que “[...] uma atividade possa ser entendida como lazer, é necessário que atenda alguns valores ligados aos aspectos tempo e atitude [...]” (1996, p. 13), sendo que os valores comumente associados ao lazer são o descanso e o divertimento. Nota-se, ainda, que o senso comum agrega o lazer às atividades recreativas e eventos de grande mobilização de massa, o que não representa verdadeiramente o lazer. Segundo Gaelzer, o lazer “[...] é a harmonia individual que envolve a atitude, o desenvolvimento integral e a disponibilidade para determinada atividade” (apud SANTOS, 1990, p. 44).

A capoeira parece privilegiada, pois é capaz de proporcionar lazer através da prática, principalmente nas rodas espontâneas e desinteressadas, onde o jogo flui e estreita as relações com as demais áreas de atuação do homem. A roda parece atender aos pré-requisitos básicos do lazer: tempo livre, escolha individual, escolha coletiva, nível de prazer e grau de satisfação elevado.

Deve-se estimular o aproveitamento do tempo livre, de forma inteligente e saudável, e a roda de capoeira se presta perfeitamente a isto, pois não necessita de grandes aparatos e ainda une ludicidade, ritmo, canto, música, criatividade, coreografia e cultura num só momento de lazer, ao tempo em que pode surgir espontaneamente no recreio ou fora dele, na quadra, nos campos esportivos, nas praças, nas praias, nos jardins, nas ruas etc.

A capoeira como filosofia de vida é bastante singular. A prática da capoeira tem uma filosofia toda particular que remonta à sua origem e sobrevive até hoje. Muitos são os adeptos que se engajam de corpo e alma, criando uma filosofia própria de vida e tendo como âncora os velhos mestres.

A capoeira tem uma representação simbólica muito arraigada ao estilo pessoal de cada sujeito. Mestre Suassuna⁵ diz que a capoeira está presente em sua vida em fases diferenciadas de idade, representando épocas diversas: “é minha vida, é o ar que respiro”.

Para Mestre Camisa⁶, a capoeira é uma arte que engloba várias artes e, como tal, compreende a vida de maneira diferente, com mais jogo de cintura para suportar melhor as adversidades e vivenciar mais intensamente suas emoções. Já Mestre Canelão⁷ é mais enfático: “eu vivo de capoeira e ela é tudo: minha vida, minha filosofia”.

UMA METODOLOGIA PARA O ENSINO DA CAPOEIRA

A capoeira preferencialmente deve fazer parte do plano educacional; deve estar inserida no projeto pedagógico da escola visando, sobretudo, à preocupação com o ser humano que seja capaz de edificar uma permanente crítica de sua situação e do contexto social em que está inserido.

A prática da capoeira no âmbito de um processo de ensino-aprendizagem não está restrita à finalidade de simples diversão dos estudantes, mas tem como pretensão, principalmente, a ativação impulsionante dos interesses, das aspirações e necessidades de praticá-la com regularidade, visando a um retorno significativo, não apenas para a sua saúde física, mental e espiritual, mas, também, no sentido de se perceber no mundo em que se vive.

É importante frisar que o ensino/aprendizagem da capoeira não deve estar voltado apenas para o aspecto técnico de aprender determinada forma de luta e de esporte. O ensino dos golpes, contragolpes, esquivas, sequências e do jogo deverá ser acompanhado da transmissão de todos os elementos que envolvem a sua cultura, história, origem e evolução; ao tempo em que se estimulará a pesquisa, debate e discussão em seminários, para que o educando tenha uma participação efetiva no contexto da capoeira como um todo.

A principal idéia é que, durante as aulas, os estudantes possam participar de maneira integrada, jogando, cantando e tocando. O professor deverá estimular constantemente essa prática, oportunizando aos alunos vivenciarem todos os momentos da aula/capoeira.

Para Santos, “o professor deverá estimular a tomada de consciência dos seus alunos, fazendo-os entender sua identidade histórico-sócio-político-econômica e cultural, dando-lhes oportunidades de obterem conhecimentos da realidade brasileira, dentro de uma perspectiva de transformação” (1990, p. 29).

OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Estamos preocupados com um enfoque único, ou seja, o de preservar o ensino da capoeira na escola, de uma forma abrangente, para que, como atividade física, jogo e manifestação cultural, a capoeira sirva de alicerce a um maior conhecimento do ser humano e de sua relação com a sociedade.

O planejamento de ensino deve contemplar o homem como meta principal e estimular os alunos a identificarem seus talentos, seus limites e suas potencialidades, num encontro com a autoconfiança, o autoconhecimento e a auto-estima. Cabe, então, ao professor, a tarefa de não fechar as portas com conteúdos programáticos estanques e dissociados, mas apresentar propostas democráticas que proporcionem um ensino globalizado e rico de oportunidades.

¹ Ibid, p. 13.

² Ibid, p. 23.

³ Atuais ensinios fundamental e médio.

⁴ O professor leigo era aquele que não tinha uma formação universitária, e sim, uma formação de caráter emergencial através de cursos de curta duração, realizados pela Secretaria de Educação, próprios para esse fim.

⁵ Mestre Suassuna, radicado em São Paulo, responsável pelo Grupo Cordão de Ouro, em entrevista concedida à “Revista Capoeira Arte e Luta Brasileira”, São Paulo, ano I (2): 28-30, 1998.

⁶ Mestre Camisa, radicado no Rio de Janeiro, responsável pelo maior grupo de capoeira do mundo, a ABADÁ-Capoeira, em entrevista concedida à “Revista Capoeira Arte e Luta Brasileira”, São Paulo, ano I (2): 28-30, 1998.

⁷ Mestre Canelão, radicado em Natal, responsável pelo Grupo Boa Vontade, em entrevista concedida à “Revista Capoeira Arte e Luta Brasileira”, São Paulo, ano I (2): 28-30, 1998.